"AQUI É A *JEGA*, A CAMA É DA TUA CASA": BRICOLAGEM ESTILÍSTICA E AGÊNCIA ENTRE MULHERES ENCARCERADAS

Valéria Viana Sousa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/CAPES), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8243-9281
Endereço eletrônico: valeria.viana.sousa@uesb.edu.br

Eliane Souza Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/CAPES), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7126-073X
Endereço eletrônico:elianespereira@live.com

Palavras-chave: antilíngua; comunidade de prática; gíria prisional; mulheres encarceradas; sociolinguística.

INTRODUÇÃO

A linguagem constitui o dispositivo pelo qual o sujeito interage com a alteridade e demarca seu posicionamento político (Benveniste, 1976). No contexto carcerário feminino, caracterizado como uma instituição total que impõe a mortificação da identidade, aliada a uma dupla penalização e hipervulnerabilidade estigmatizadas por estruturas patriarcais (Pereira; Sousa, 2024), a linguagem surge como recurso fundamental de agência (Goffman, 1974). Diante desse cenário de exclusão intersecional, neste estudo, investigamos o emprego da gíria por custodiadas no Conjunto Penal de Jequié, na Bahia. Dessa forma, tomamos a gíria prisional como antilíngua (Halliday, 1978; Pereira; Sousa, 2024), um sistema semântico alternativo que assegura a coesão interna do grupo e opera como mecanismo de defesa contra o poder hegemônico.

As mulheres encarceradas configuram-se como sujeitas ativas inseridas em uma comunidade de prática, na qual o léxico se materializa como arena para a negociação de capital simbólico (Pereira; Sousa, 2024). Nesse sentido, o conceito de campo indexical (Eckert, 2018) subsidia a compreensão de como essas inovações vocabulares forjam significados ideológicos e personas na interação nesta comunidade. Assim, as interlocutoras

executam uma sofisticada bricolagem estilística, selecionando e ressignificando itens lexicais para sobreviver ao ambiente hostil, tornando o estilo adotado na fala uma robusta tecnologia de blindagem física e psicológica.

Sob essa perspectiva, a apropriação da antilíngua demanda das custodiadas uma performance dialética. Para legitimar o pertencimento ao grupo, o sujeito incorpora o vernáculo marginal, ciente de que tais escolhas operam como marcadores de criminalização na sociedade, o que exige o gerenciamento de uma identidade deteriorada (Goffman, 1974; Eckert, 2018). Dessa forma, objetivamos evidenciar como essas mulheres instrumentalizam a antilíngua para reconfigurar vínculos, mitigar a privação afetiva e assegurar a integridade nas celas. A análise demonstra como a assimilação desse código engendra tensões entre a imperatividade de dominar a gíria para a manutenção da vida intracárcere e o peso estigmatizante dessas lexias extramuros, operando a gíria como um refúgio psicológico contra o trauma do desamparo estatal e da insalubridade ambiental.

Nesse panorama, a bricolagem reflete a seleção e a ressignificação de recursos estilísticos para a projeção de personas sociais, cujos sentidos se distribuem em um campo indexical (Eckert, 2018), o qual associa formas linguísticas a valores ideológicos fluidos. Assim, a gíria, conforme Pereira e Sousa (2024), transcende a mera informalidade e consolida-se como uma tecnologia discursiva essencial de sobrevivência, resistência e preservação da dignidade perante a violência institucional.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa, adotamos uma abordagem qualitativa de orientação etnográfica e sociolinguística (Minayo, 2009) no Conjunto Penal de Jequié, Bahia. A geração de dados fundamentou-se na observação participante (Angrosino, 2009) e em entrevistas sociolinguísticas livres. Neste projeto, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE 84099124.1.0000.0055, garantimos o anonimato das interlocutoras por meio de pseudônimos. As transcrições seguiram critérios normatizados (Marcuschi, 2003), preservando as marcas de oralidade para analisarmos a dimensão performativa real da gíria e da identidade linguística das participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos dados, constatamos a capacidade de agência e de bricolagem estilística (Eckert, 2018) mobilizadas por essa comunidade feminina. Longe de uma adaptação passiva, as falantes apropriam-se de itens do português comum e os ressignificam para projetar personas sociais capazes de traduzir a opressão institucional. O primeiro relato evidencia o choque inevitável provocado pela imersão na cultura carcerária, como descreve a participante Camila:

> Excerto 01
> Pesquisadora: Você nunca tinha ouvido essas palavras?
> Camila: Não, essas palavras aí não. A rampa, esse negócio de pegar comida tem que ser diz que é a rampa [...]. É jega também [...] para dormir na jega. (Entrevistas, 2026)

Esse trecho permite visualizar a metaforização operando de forma imediata na linguagem prisional. A substituição compulsória do vocabulário doméstico tradicional por termos ásperos como *jega* e *rampa* relexicaliza a dura materialidade do cárcere. O estranhamento inicial da participante cede espaço ao reconhecimento da imposição dessa norma local como tecnologia de sobrevivência.

Essa cobrança por alinhamento estilístico dentro da cela gera tensões identitárias e emocionais profundas, explicitadas no limite tênue entre adotar o código para subsistência e o receio de absorvê-lo para a vida externa, conforme relata Helena:

> Excerto 02
> Helena: Falo vou arrumar a cama aqui. As meninas: que cama, Helena, a cama é da tua casa, aqui é a *jega*. É assim.
> Pesquisadora: E você acha que quando você sair daqui você vai acabar falando sem querer?
> Helena: Não, eu não vou falar não [...]. A minha casa é minha casa, minha cama é minha cama. (Entrevistas, 2026)

As companheiras de cela exercem uma correção contínua para impor o código grupal, evidenciando que a linguagem marginal atua como a marcação do território penal (Pereira; Sousa, 2024). A recusa veemente da participante em estender o uso dessas palavras para o meio extramuros ilustra a resistência ao carimbo criminal e a forte insegurança linguística que acompanha essa população face aos estigmas do mercado de trabalho e da sociedade livre.

Essa imersão nas regras vitais e implícitas do pavilhão carcerário é também detalhada

pela participante Samara, que expõe a polivalência e a ressignificação de vocábulos cotidianos:

> Excerto 03
> Samara: "Fé". Fé a gente usa muito. "Espia". Espia é tipo assim, vigia. Entendeu? Aí são umas gíria diferente que eu nunca tinha ouvido na minha cidade. Aí eu acostumei. (Entrevistas, 2026)

Nessa passagem, observamos a expansão do campo indexical operada sobre palavras correntes (Eckert, 2018). O termo *fé* perde o sentido originário dicionarizado para indexar limites territoriais, permissão física de entrada e um estado tático de prontidão. Aprender essa norma não escrita funciona, na prática cotidiana, como o mais decisivo rito de passagem prisional para a manutenção da estabilidade interna nas celas.

Por fim, o relato de Dona Lete denuncia a negligência sistêmica e evidencia como o léxico é recrutado para amenizar a insalubridade do cenário:

> Excerto 04
> Dona Lete: [...] Geralmente de noite quando a gente vai dormir que umas meninas puxa a *praia* e as outras tá na *jega,* né?
> Pesquisadora: *Praia* é o quê?
> Dona Lete: É na *jega* que eu falo é a cama de cimento [...]. E as meninas que puxa a *praia* geralmente elas dorme junto com as baratas, né? (Entrevistas, 2026)

Diante do abandono e da insalubridade, as internas forjam expressões poéticas e irônicas como *puxar a praia* para designar a humilhação de dormir no chão frio de cimento. Essa relexicalização repleta de humor ácido neutraliza parcialmente o trauma provocado pela escassez e pela exposição física degradante, atuando como um refúgio psicológico para salvaguardar a integridade das mulheres sob custódia.

Em suma, os excertos demonstram como a gíria, compreendida na perspectiva de Pereira e Sousa (2024), opera como tecnologia discursiva essencial. Por meio da bricolagem e da flutuação do campo indexical, as custodiadas gerenciam a identidade deteriorada intracárcere e articulam respostas táticas de resistência e preservação de sua dignidade contra o desamparo institucional.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa realizada no Conjunto Penal de Jequié evidencia que as gírias mobilizadas pelas custodiadas configuram-se como uma complexa antilíngua e uma decisiva tecnologia discursiva de sobrevivência (Pereira; Sousa, 2024). Os dados ratificam que, por meio da bricolagem estilística e da flutuação do campo indexical, as internas manifestam sua agência, ressignificando a opressão e a insalubridade da instituição total para salvaguardar sua integridade psicossocial. O registro acadêmico dessas narrativas cumpre o compromisso ético de conferir visibilidade científica a sujeitos hipervulnerabilizados. Como desdobramento, as etapas subsequentes da pesquisa verticalizarão as análises microinteracionais dessas manifestações orais em suas redes de sociabilidade interna.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BENVENISTE, E. Problemas de linguística geral. São Paulo: Nacional, 1976.

ECKERT, P. Meaning and linguistic variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**. Londres: Edward Arnold, 1978.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**. São Paulo: Cortez, 2003.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

PEREIRA, E. S.; SOUSA, V. V. De “Mulas a Jackas”: um retrato sociolinguístico da linguagem em uso por mulheres em prisões brasileiras. **Cuadernos De Educación Y Desarrollo**, *16* (11), e6281. 2024.